

Poemas para Versar

Carlos Daniel Dojja



Apresentado por

Meu Lado Poético 

Dedicatória

Meus singelos textos estavam adormecidos nas caixas da memória.

Uma moça me destinou seus olhos gris e os abriu, tocou e sentiu.

Desde então os poemas se foram, a andarem compartilhando-se em outras vozes.

Porque a alma que lê a palavra descrita no peito, reinventa o olhar.

Agradecimentos

Para a Professora Katia Rodrigues, pela coordenação e seleção dos textos.

A quem devo agradecer pela generosidade em incentivar a exposição de cada verso sentido e vertido.

A quem singelamente expresso:

"...Temos que aprender a ouvir,
o ainda desamanhecido na boca do dia.
E que se traduz no falar de cada voz,
a escorrer no tempo que nos habita.
Porque ao longo do percurso,
não há silêncio que não desperte...\\\""

Sobre o autor

Carlos Daniel Dojja é escritor e poeta nascido no sul do Brasil. Recentemente foi admitido como membro da Academy of American Poets, sendo integrante da União Brasileira de Escritores. Seus textos são publicados em vários blogs, sites e páginas em diferentes países como Angola, Colômbia, Chile, Espanha, Estados Unidos, México, Peru, Portugal, dentre outros.

Em 2021 está confirmada sua participação nas seguintes publicações:

- Antologia Poetize 2021 - Seleção da Poesia Brasileira. Vivara Editora Nacional.
- Antologia Esboços da Alma/Editora Scortecci.
- V Antologia da Poesia Brasileira Contemporânea/ Editora Chiado Books com lançamento no Brasil e em Portugal.

Seu fazer poético emprega uma métrica pontuada de lirismo ao abordar temas essenciais ao sentir e fazer humanos, indo além do mero observador subjetivo, conecta-se com a multiplicidade dos olhares e busca traduzir o sentido que o move:

\\\"Tanto me nutro fora de mim, que me caminho em outros\\\".

resumo

O FAZER DE ALGUNS

POEMA DAS GRANDEZAS

POEMA MEMÓRIA SENTIDA

POEMA RAIZ AMADURECIDA

BRINCADEIRA DA ÁRVORE

MÉTRICA DA PALAVRA

COMPREENSÃO

LUZ DAS ESTRELAS

CHÁ COM OS POETAS E A MOÇA BONITA

O QUE JOÃO ME CONTOU

INVENTÁRIO

DO LIRISMO

AMANHECIMENTO

Palavra Revelada

Naquela Noite

Tua Chegada

Descoberta

Das Idades

POETAMENTO

DA UTOPIA

O FAZER DE ALGUNS

O FAZER DE ALGUNS

Alguns dentre nós moldam o ferro,
E dele fazem surgir esculturas.
Por vezes vergam o pinho,
E talham marcados amuletos.
Outros há que se apossam,
De variadas matérias.
Edificam templários ou casebres,
Lapidam jóias ou feitiços,
Ardem no frio ou no fogo,
Sua humana sementeira.
A mim, dentre alguns,
Coube-me outra quimera:
A de esculpir o querer,
Numa árdua arquitetura:
- Não me aprendi estrada reta,
Fui-me pontes carregadas de atalhos.
Enxerguei partidas, mais cedo do que pulsar chegadas.
Vejo-me assim: Do afeto sou inteiro ou recomeço.
E só o sentir construído, como a palavra viva, me afaga.

Carlos Daniel Dojja

In Poema para Crianças Crescidas

POEMA DAS GRANDEZAS

Das Grandezas

Gosto do tamanho de algumas coisas.

O voo de uma borboleta ao entardecer.

O pouso do pássaro num raio de sol.

Teus pequenos passos dançando na terra.

Uma gota despindo-se numa flor.

Aquela brisa que umedeceu teu beijo.

O olhar que perpetrou a sombra.

A última cantiga deixada na noite.

Em não me querendo modesto, a deslumbrar dimensões,

Não faço apologia da métrica ínfima.

Meço-me pelo sentir desterrado.

O que me segue, cabe em meu sonhar a andar.

Minha sensação de grandeza se emaranha de singelezas.

Como a memória da água, por entre rios, a retornar a nascente.

Como quando nos sabemos finitos, refazendo-nos começos.

E se é tão grande, como os olhos que se traduzem no peito.

Carlos Daniel Dojja

In Poemas para Crianças Crescidas

POEMA MEMÓRIA SENTIDA

MEMÓRIA SENTIDA

Surgi das entranhas de uma mulher, que bradava estridente.
E que trazia nas pernas o lúgubre vento se fazendo despedida.
Não era grande nem pequena, tinha as dores que lhe cabia.
Deixou em mim um prenuncio. Erga seu canto no mundo.
Meu primeiro afeto, de passa anel brincava, e mesmo que nunca saiba,
Ao se despedir, deixou-me um jasmim, que ainda trago comigo.
Foi-se para longe, dizem que perto do infinito. Ainda a avisto acanhada,
Colhendo no jardim do sempre, uma flor outrora tingida.
Quem me ensinou as primeiras letras, inclusive o a de saudade,
Disse para eu ir me chovendo amainado, num aguaceiro de vida,
E que era para saber juntar palavras, mesmo quando há partida.
Também já se foi, mora num incerto lugar, firmado entre o tempo e o peito.
No corpo branco e esguio me fiz ser em outros passos.
Era meu primeiro amor consentido e detinha certa nostalgia.
Prometia ficar, quando já se ia, retornava sem anunciação,
Contudo me fez sua morada e nunca mais de lá se foi.
Depois conheci uma moça, que me destinou seus olhos gris.
Então clamei a ela, antes que também se retirasse,
Se a lua cheia chegar, como teus olhos em ternura,
Borda-me entre o céu e a tua boca numa indelével tecitura.
Carlos Daniel Dojja
In Poemas para Crianças Crescidas.

POEMA RAIZ AMADURECIDA

POEMA RAIZ AMADURECIDA

Mansamente sobre teu peito,
Me ponho a edificar o desejar que aflora.
Como fermento de um querer amadurecido,
Percorro o frescor de tua terra, umedecida de entrega.
Com a presa das mãos vislumbro que és tão bela,
Como as manhãs que trazem esperanças novas.
Seria mais brando não ter a urgência do amar,
Mas como me faria existir ser, em meu vivenciar.
Então, em ti me deixo como raiz estendida,
E teu corpo é meu chão revelando simétricas profundidades.
Assim, a cada instante vou me aprendendo afeto colhido.
Entrelaço-me dessa razão, que mesmo ao arder, consagra:
Amar, é uma alegria que ao também doer, nos ascende e nasce.

BRINCADEIRA DA ÁRVORE

Certo dia, um menino perguntou-me,
Se eu sabia brincar de árvore.
E começou explicando-me:
- Primeiro a gente pinta nos galhos,
os nomes das pessoas que gosta.
Depois, escreve nas folhas palavras,
Como ternura, abraço, encantamento.
Também acrescentou que pode-se deixar água,
De cor amarela rio para que a árvore se descreva,
Mas nenhuma árvore é desigual a outra,
e todas sabem falar com a terra.
Contei para ele que eu brincava de estrela viva.
Era assim: Minha mãe desenhou uma estrela,
E colocou numa caixa alaranjada de madeira.
Ensinou-me que deveria toda noite,
Abanar com as mãos para que o brilho,
Não se perdesse no vir a ser do tempo.
Sem indagar-lhe qual era a língua das árvores,
Ele visivelmente empolgado me relatou:
- Quando eu crescer vou ser astrônomo,
Ou pirata do bem.
Isso para trabalhar.
Para viver, quero aprender a falar com as borboletas,
Dar um vagalume de presente para minha namorada,
Que ainda não sabe de nenhuma das duas coisas.
Também vou descobrir como se faz um poema.
Você pode me emprestar sua estrela,
Para eu colocar na minha árvore?

Carlos Daniel Dojja

In Poemas para Crianças Crescidas

MÉTRICA DA PALAVRA

MÉTRICA DA PALAVRA

Com que métrica, meço a palavra,

Que na profana finitude acena.

A palavra que não findo ou deslindo,

A espera da promessa do sentir.

Com que sina, exprimo, a palavra que desabitada não cabe.

Que quase de tudo no nada sente.

Com que reluto ou proclamo,

Antes de purgá-la ou expressar vivência.

A palavra que se define ou desdenha,

Que se sonha para fora de sua voz.

E que teima em ficar a espreita,

Em cada ver que verte a palavra existir.

Com que raiar, ilumino a palavra,

Que fibra se tece no esperar,

Pela palavra que aberta se esmera,

Em encontrar ser para recriar.

Carlos Daniel Dojja

COMPREENSÃO

COMPREENSÃO

A rua onde nasci era larga e extensa de vozes.

Nela havia uma velha casa de espera e de descobertas.

Minha mãe me ensinava a brincar de ver.

Ficava ao meu lado e com suas mãos me entregava seus olhos.

Dizia-me: O que vens?

Eu menino, com zeloso brio elaborava narrativas não aparentes.

As vezes via um pássaro falando com o vento.

Ora, era um arco-íris despontando no anoitecer.

E até eu voava, buscando palavras com asas.

Lembro-me quando lhe disse:

- Estou vendo uma dança no céu.

E ela pediu-me para tomar cuidado com os instrumentos, marcar os passos, ouvir a sinfonia.

E asseverou: Veras na vida aparências e essências.

Mas não tenha receio de vislumbrar.

No fim o que fica é o que se olha para dentro.

Antes de saber ler e escrever compreendi a ver poesia.

Carlos Daniel Dojja

In Poemas para Crianças Crescidas

LUZ DAS ESTRELAS

LUZ DAS ESTRELAS

Certa feita estive numa aldeia.

Lá me deparei com uma menina,

Sua fome me olhava atentamente.

Tinha o nome de luz das estrelas.

Seu pai não se sabia e sua mãe não vinha.

Perguntei-lhe se sonhava. Disse-me que não.

Mas que quando deixasse de ser miúda,

iria ser médica para cuidar das pessoas e dos que vão nascer.

Você sabe o que é poesia?

Não, não a conheço, interpelou-me rapidamente.

Poesia é feita pra gente?

Passei a visitá-la.

Numa manhã que chovia, nova indagação.

Do que você gosta? Prontamente me disse:

Gosto de comida, de escola e de brincar de casinha quando faz frio.

E vou lhe confessar algo.

- Também brinco de agarrar nuvens com as mãos

Carlos Daniel Dojja

Para Luz das Estrelas, em Angola.

CHÁ COM OS POETAS E A MOÇA BONITA

Chá com os Poetas e a Moça Bonita

Quando ainda não vinha a noite,
Camões adentrou sobressaltado.
Tinha visto na Caravela,
O mar inteiro lamuriar-se.
Deixavam, pois, como aferira,
restos de tudo a enturvar as águas.

Logo em frente estava Quintana,
vindo de longe no vagão de um trem,
a confabular com uma andorinha,
que em frase pausada silabava:

- No ar há tanta fumaça,
que nem se pode mais voar sozinha.

Enquanto se aguardava o Mia
a descrever Um Rio Chamado Tempo,
perceberam Shakespeare acomodar-se,
frente ao sol que já não se via,
proclamando sem muito assombro:

- Falta humano no divino, mais virtude no humano.
O saber não deve destruir a vida,
feito punhal a ferir o coração dos homens.

Escutaram-se ruídos vários, ao ouvir-se o abrir de portas.
Era Pessoa com Ricardo junto com os demais heterônimos.
Todos apóstolos frente ao pão, resolveram recitar Drummond,
que bem se diga, já havia previamente antecipado:

- Saí cedo de Itabira, vou embora para Pasárgada.

Quem sabe acho Bandeira, coberto num trono de palavras.

Neste instante chegou Vinícius e sua elegante diplomacia.
Asseverou solenemente. Trouxe-lhes taças e o vinho.
Não lhes privei do chá inglês, mas devem considerar com atenção.
Melhor é sorver o sentir com um espumante entre as mãos.

Já não se sabia mais as horas. O ar estava em cantoria.
A moça junto à janela que as primeiras letras fazia,
das palavras guardava afeto para se doar em cada livro.
Foi dela a sugestão que cada um deixasse de si, apenas um verso transcrito.

Eu, mero assistente, por obra de atrevimento, também fiz provocação.
Por que não escrever os poemas em simples folhas de pipas.
Soltaríamos as Pandorgas em cada um dos cantos do mundo.
E poderiam as mesmas se irem a procurar um novo dia.

Prontamente Camões assinalou:

"...Da alma e de quanto tiver,
quero que me despojeis,
contanto que me deixeis,
os olhos para vos ver.."

Em seguida chegou-se Mia a sentenciar num repente:

"... Deixo a paciência dos rios,
mas não levo,
mapa nem bússola,
porque andei sempre,
sobre meus pés,
e doeu-me às vezes viver.
Hei de inventar,
um verso que vos faça justiça".

Quintana com seu sotaque ergueu-se com voz doce e macia, a reverberar clarividente:

" ... Porque o tempo é uma invenção da morte:
Não o conhece a vida - a verdadeira -
em que basta um momento de poesia,
para nos dar a eternidade inteira..."

Vinicius após servir o vinho, pediu um aparte.
Moça com perfume de flor, por favor, escreva para mim:

"... A coisa mais bonita,
que há no mundo,
é viver cada segundo,
como se não fosse o fim..."

Alberto, ao lado de Pessoa, também se pronunciou:

"...Mesmo que o pão seja caro
e a liberdade pequena,
sei que a vida vale a pena,
quando a alma não é pequena.."

Já se adentrava a noite alta e as pandorgas versos partiam.
Foi quando fitei a moça que de olhos gris se vestia.
Então clamei a ela, antes que também se retirasse:

Agora que a lua cheia chegou,
como teus olhos em ternura,
borda-me entre o céu e a tua boca,
numa indelével tecitura.

A moça nada me disse, repousou na minha face.
Por ali ficamos embebidos de poetamento,
como se por um breve instante,
tivéssemos tocado o infinito.

Carlos Daniel Dojja
In Poemas Para Crianças Crescidas

O QUE JOÃO ME CONTOU

O QUE JOÃO ME CONTOU

João pescador assim me falou:

A maior boniteza que tem pra vê,

É quando a onda bate no mar e beija a pedra na areia.

É como se aquela beleza toda fosse pra avisar,

Que a onda nasce da água e pra ela vai voltar.

Mas também tem outra coisa, que mais formosa não há.

Até me fogem as palavras de tanto admirar.

É quando no mar, eu vejo os olhos de uma moça,

Feitio de estrela que não cessa de piscar.

Então eu fico confuso, sempre a imaginar.

Pro sinhô que gosta de estórias, eu lhe posso contar.

Já pensei em ajuntar a onda, com os olhos do amar.

Fiz até uma promessa, que vivo a suplicar.

Quando minha hora chegar,

Esperem a noite alta e me joguem inteiro no mar.

Vou virar mistura de lama, coberto de calcário, envolto de sal,

Para nascer como pedra, estendido a beira mar.

Então, nem queira saber, que alegria será,

Eu me vivendo banhado de ondas, a relembrar,

Toda a vida que viceja, quando se descobre um olhar.

Carlos Daniel Dojja

INVENTÁRIO

"...Poucas coisas me pertencem.
Os olhos que me deixaste na sombra.
Aquele beijo soprado no eclipse.
O dia em que te bordei em meu peito.
Poucas coisas me seguem.
A estrada em que teus pés me nasceram.
Tua voz chamando quando eu amanheço,
Com a memória acessa de tuas mãos..."

Carlos Daniel Dojja

In Fragmento Poema Inventário

DO LIRISMO

Quando eu era criança,
as plantas me chamavam.
Achavam graça.
Coisa de menino, sem ter muito o que fazer.

Quando eu era jovem,
afirmei que as pedras não acordavam,
porque não sabiam da noite sonhada.
Ficaram preocupados.
Para alguns, indício de alguém transtornado.
Quando me afirmaram, és um homem,
eu contei que te vi, se florescendo de liláceas.
Por fim, sanaram-se as dúvidas.
Decretaram-me ter visão refratária, com sintomas de lirismo.
Só parei de julgar-me dissociado,
quando me disseste que havia noites com sol,
e que o remo acenava para o mar, quando não partia.
Então, assim ficamos, em nós apreendendo tochas,
fisgando lumières, falando com os olhares.
E quando tudo escurecia se acendendo de um no outro.
Carlos Daniel Dojja

AMANHECIMENTO

"...Amanheço-me, de tua pele.

Anoiteço-me de tua boca.

Desperto-me, se me deixas o tempo.

E porque rasgamos o silêncio,
tua palavra ventre, me nasce..."

Carlos Daniel Dojja

In Fragmento Poema Amanhecimento.

Palavra Revelada

Palavra Revelada

A palavra me advinha.

Moinho ou ferro,

Cisma ou canto.

Funda ou rasa,

Na tangente emerge.

A palavra me assola,

Adverte, reverte, inala.

Como se finda fala,

No escasso do encanto, reverbera.

De si reemerge, na margem liberta.

A palavra se assanha.

Sangra, se entorpece.

De mim não cala, se desvela,

Se ao surgir irrompe, revelada.

Carlos Daniel Dojja

Naquela Noite

Naquela noite, quando estavas adormecida, acordastes a grafia, escavada em minha voz. Teu corpo acolhido no azul das vestes, como se estendido sobre um mar de recolhimento. Tua procura desnuda sobre a minha. Teus pés e braços, serenados a espera. Só teus olhos, ancorados em tua face, e em mim, faróis abertos, a percorrer o infindo. Carlos Daniel Dojja

Tua Chegada

Tua Chegada Quando enternecida te encontro, Vejo-a inteira na luz perpassada. Acolho teu corpo de grão amadurecido, Estendido sobre minha procura. O tempo fez com que ressurgisses, Recoberta com o brio reconstituído do sentir. Desdobrei teus passos sobre minha espera. E a memória acendeu-se em tua vinda. Assim, misturei-me em tua sina. Gravei na face, o raio anunciado em tua chegada. Clamei, na profundez do existir, Para que teu tempo, no meu, fosse infindo.

Carlos Daniel Dojja In Poemas para Versar
Alma 2 comentários

2Rute Vilela e Pincel Da

Curtir

Comentar

Compartilhar

Descoberta

Descoberta

Fui te infiltrando sonidos.
Dando-te pulsados lábios.
Acordando-te sementes de espera.

Quando tua boca me disse,
Eras verbo amar,
Desatado em meus passos.

Carlos Daniel Dojja

Das Idades

"... Não me sei bem as idades. Em tantas me fui nascendo. Em outras me aprendendo, Como quem se marca do que sente. Da primeira vez que te vislumbrei, Lembro-me de uma idade sem tempo, Foi no dia em que deixaste teus olhos Semeados na raiz de um beijo..." Carlos Daniel Dojja In Fragmento Poema das Idades

POETAMENTO

Poetamento Meu simples poetamento, pouco explica em seu rumar. Faz parte dessas ruelas que sempre surgem, Como meus pequenos passos a marear. Insinuando trilhas, avistando mapas, a orbitar. As palavras servidas, além do que, tanto perguntam: Como guardar o beijo que será efervescido? Como carregar os abraços dos que nos faltam? Como desalumiá-los os pirilampos da saudade? Meu palavrear não tem controle de custos. Pode arquejar no tempo, não estar imune, Ficar laçando luas, impávido escapulindo. Querendo partilhar em si, fugaz raio da vivência. Minha confabulação desmerece acanhamento. Anda indócil, quase sempre nua, a entregar-se a um riso. E quando eu pouco me descomponho, num alvoroço, Sem qualquer anúncio, faz surgir estelares num pingo d'água. Carlos Daniel Dojja

DA UTOPIA

DA UTOPIA

Quero encravar minhas mãos,
A terra habitada pelo labor,
E dela retirar, sulcos e raízes,
E o fazer germinado.

E em cada manhã, em que se debruça o dia,
Celebrar o brilho do olhar,
Que percorre o sonhar dos homens,
E urrar e gestar as dores do parto.

Para assim embeber-me,
De todas as esperanças,
Que se agarram aos pés dos andantes,
Para me engravidar de utopias.

Para uma mãe com o filho entre os braços, no Campo de Calais, França, procurando um lugar para viver.

Carlos Daniel Dojja